Alegoria real de três anos na vida de uma artista

Exposição de Patricia Di Loreto

Texto curatorial 03
Por Luciane R. N. Garcez e Sandra Makowiecky

Ficha técnica da exposição 04

Obras em exposição 05

Alegoria real de três anos na vida de uma artista 21
Por Luciane R. N. Garcez e Sandra Makowiecky

O pensamento que antecede a alegoria 29
Entrevista realizada por Francine Goudel com Patricia Di Loreto

Sobre as séries de Patricia Di Loreto 38

Biografia da artista 39

Texto curatorial

Luciane R. N. Garcez
Sandra Makowiecky

Na exposição “Alegoria real de três anos na vida de uma artista”, Patricia Di Loreto nos coloca a testemunhar a permanência da pintura em que revela as subjetividades do seu processo.

O título se refere a uma obra do pintor francês Gustave Courbet (1819-1877), “O estúdio do pintor: uma alegoria real que resume sete anos da minha vida moral e artística” (1854-5), na qual representa seu ateliê com os personagens emblemáticos que figuraram ao longo de suas pinturas, contando uma história de vida artística em uma imagem a ser desvendada pelo espectador, posto que o próprio título indica: são alegorias. Temos então uma dupla referência já no título da exposição de Patricia: um artista reconhecido na história da arte, Courbet, que evoca em pintura um período importante em sua vida, os 7 anos mencionados, no seu atelier. Em Patricia, há menção aos 3 anos em que se vive o evento da pandemia pelo Covid 19, cujos desdobramentos podemos ver nas pinturas desse período deixando que o atelier tomasse conta de sua residência, fazendo com que as composições evocassem sua vivência cotidiana e as pesquisas à que a artista se dedicou. É sabido que o período

pesquisas à que a artista se dedicou. É sabido que o período

pandêmico influenciou a todos, democraticamente, interferindo em todos os setores da vida. E na arte não foi diferente. A exposição é então dividida em dois momentos: pinturas de um mundo onde o convívio social era prolífico, e pinturas onde a pandemia impôs o isolamento e as mudanças de comportamento, criando um cenário inédito em nosso cotidiano. Patricia propõe uma revisão de sua poética antes e durante a pandemia, perceptível de maneira sutil em suas telas, cujo colorido pungente é uma marca importante em seu trabalho. Sua trajetória artística revela um mundo de narrativas que engendravam relações interpessoais em cenas que convidavam o espectador a participar de diálogos que se desenrolavam em ambientes por Patricia, com formação em arquitetura e urbanismo, cujas referências não negam sua experiência passada em cenografia. Com tal pluralidade de vivências profissionais, não é surpresa que suas pinturas ofereçam um cenário vasto em referências, como a atenção dada ao mobiliário apresentado na composição, assim como o cuidado na criação do ambiente onde a cena acontece. As referências sutis ou mais evidentes da história da arte, são uma constante, mas em meio a isso tudo, fala de pessoas, de relações. Até que chegamos na pandemia. Neste momento, as pinturas de Patricia evocam o silêncio, o isolamento e mesmo em meio a cenários onde a figura humana desaparece, permanecem seus rastros, seus vestígios, não há solidão. A artista nos dá um vislumbre de sua própria rotina

pandêmica, em meio a livros, estudos, pesquisas de outros artistas, e suas próprias telas. É neste mundo que ela mergulha, e é este mundo que ela revela nas pinturas de 2020 em diante. Um mundo povoado por suas referências, vestígios do tempo onde as relações eram físicas, agora as relações são mais conceituais, estão no âmbito do virtual, portanto, suas cenas apenas evocam a presença humana.

Alegoria real de três anos na vida de uma artista
Exposição de Patricia Di Loreto

Museu da Escola Catarinense
De 05 de agosto a 30 de setembro de 2022
Rua Saldanha Marinho, 196. Florianópolis, SC

Curadoria
Luciane R. N. Garcez e
Sandra Makowiecky

Curadoria de montagem e organização do catálogo
Francine Goudel

Montagem
Cassiano Rinaldi e
Juliana Crispe

Fotografia
Carlos Pontalti

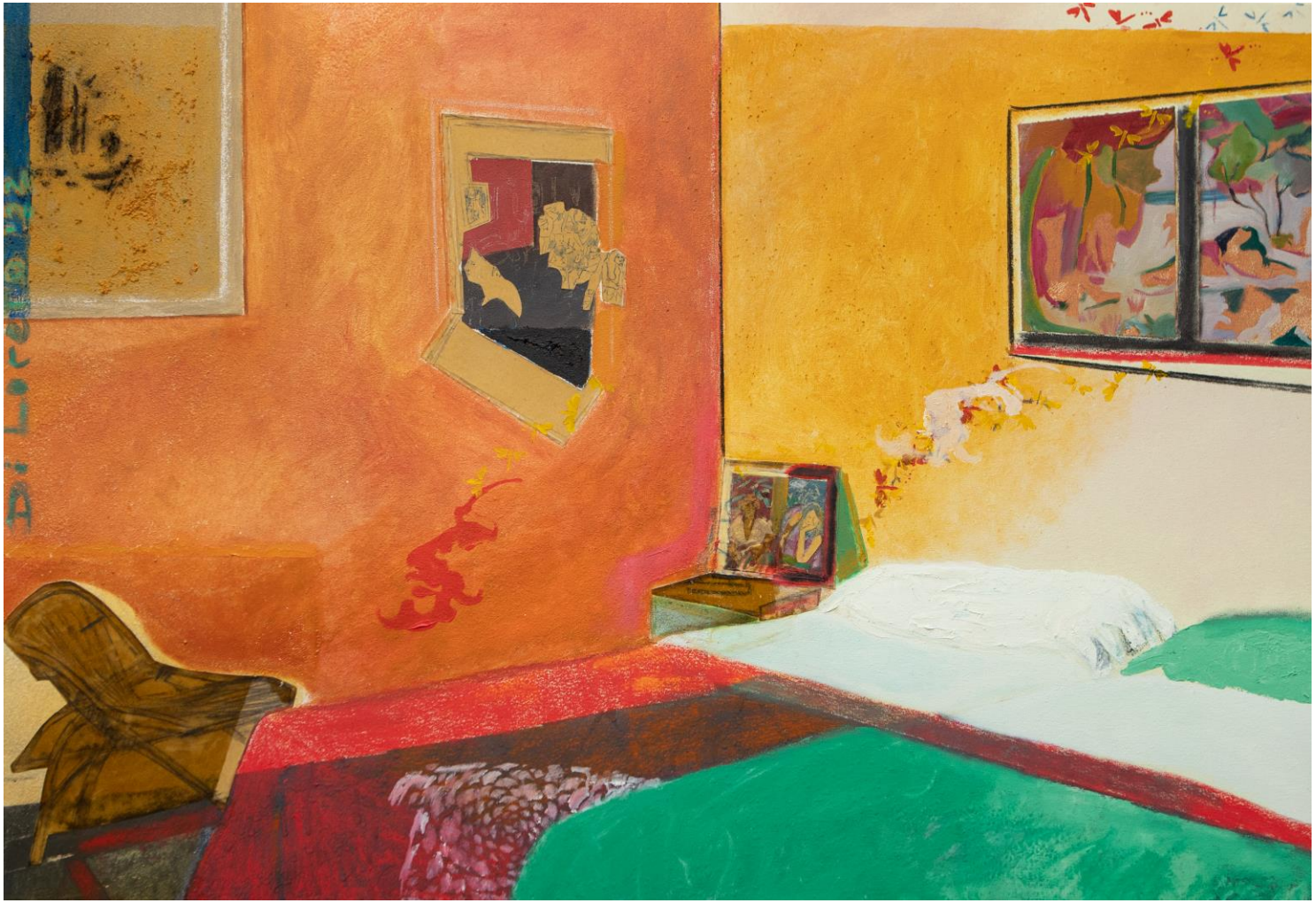
A nova aurora, 2012
Da série Alquimia
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela,
220 x 125 cm cada

Ministerio del amarillo, 2015
Da série Rizomas
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
100 x 145 cm

Los artistas, 2018
Da série Rizomas
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
100 x 130 cm

Los profetas, 2013
Da série Meetings
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
100 x 120 cm

Les demoiselles d`ille, 2019
Da série Entre rojos y azules
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
100 x 128 cm



A vida privada também é pintura, 2022
Da série Alegorias
Acrílica, Óleo e Papel cenográfico sobre tela
70 x 100 cm

Os amantes, 2021
Da série Alquimia
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
40 x 40 cm

Todos somos um, 2021
Da série Alquimia
Acrílica, Óleo e Papel cenográfico sobre tela
100 x 130 cm

Salvatora Mundi, 2020
Da série Alquimia
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
130 x 100 cm

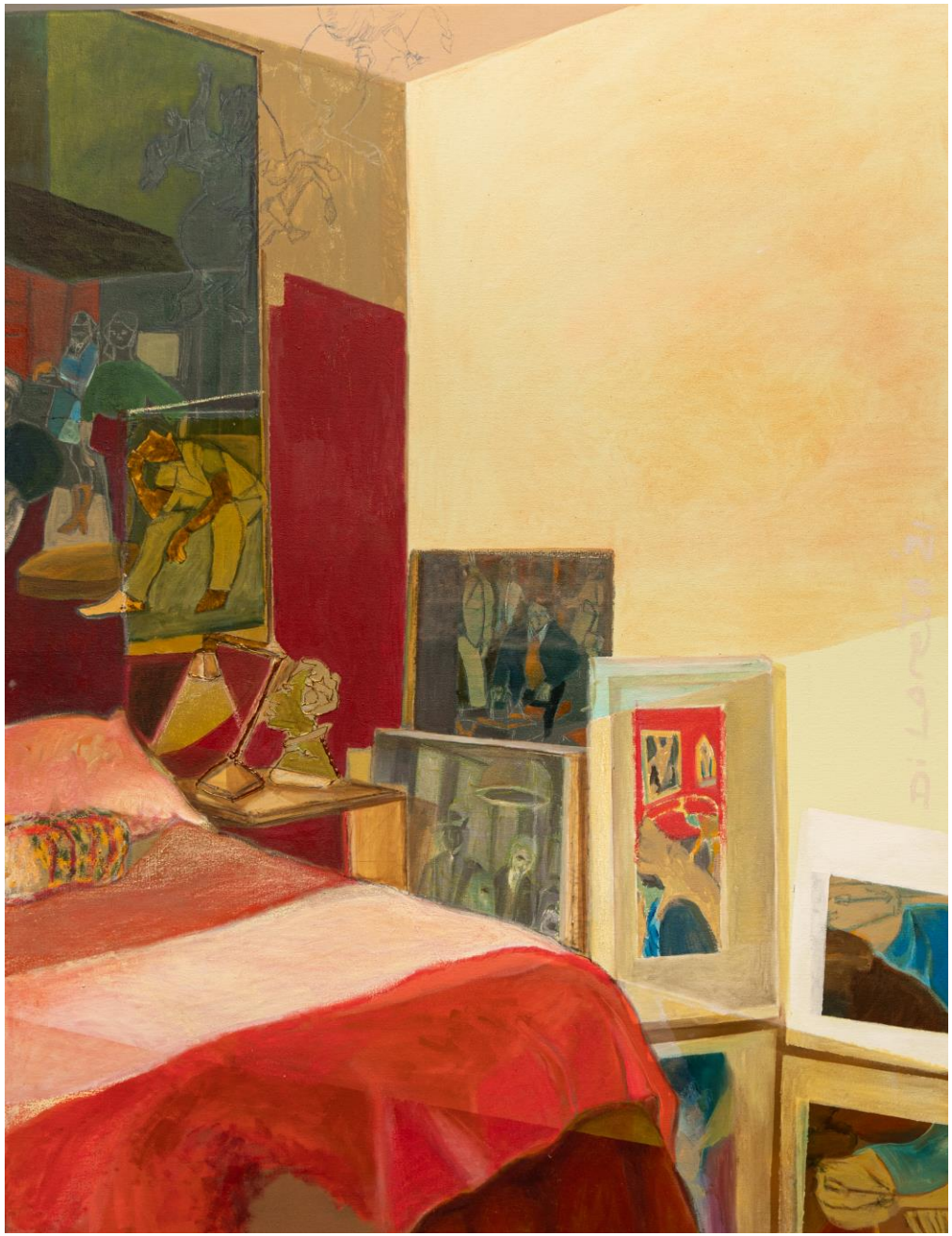
Giro bis, 2022
Da série Alegorias
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
130 x 100 cm

Corona V, 2020
Da série Alquimia
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
130 x 100 cm

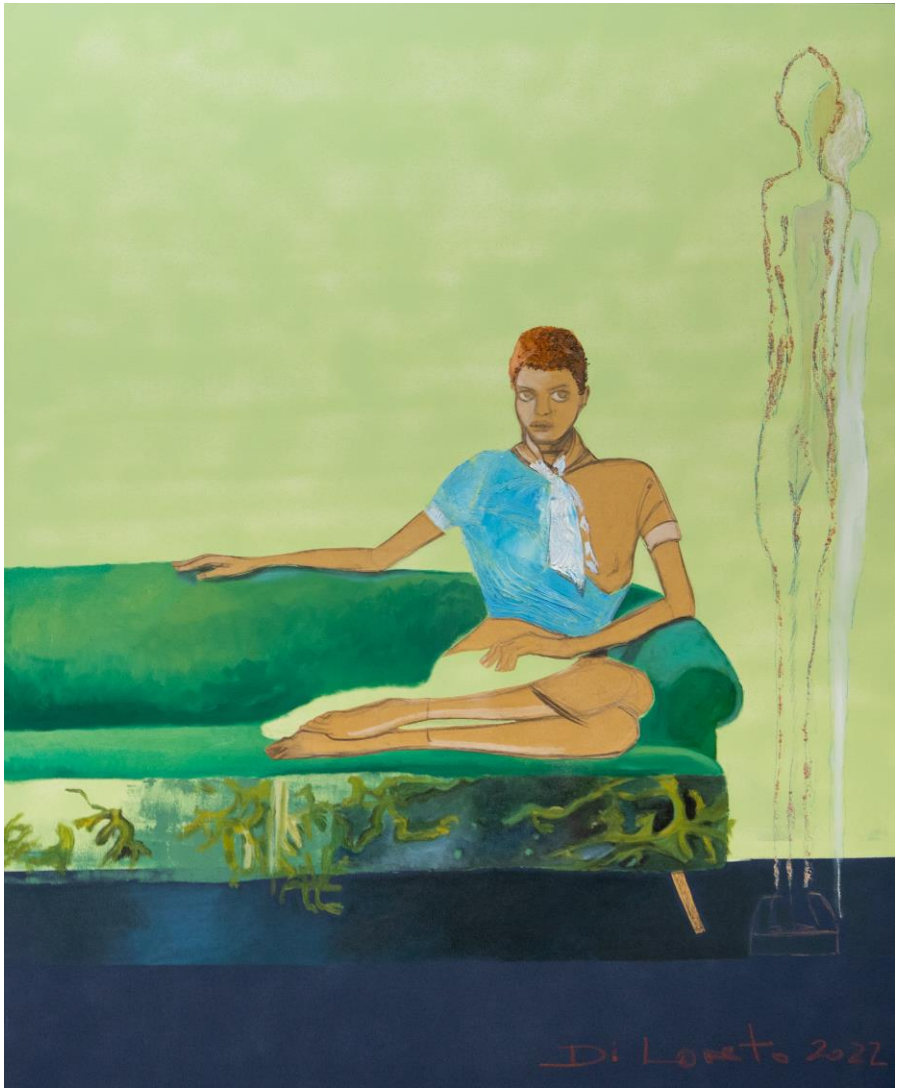
A Pat se torna artista, 2022
Da série Alegorias
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
120 x 100 cm

Onde te busco, 2022
Da série Alegorias
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
120 x 100 cm

Alquimia, 2021
Da série Alquimia
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
130 x 100 cm



Fala-me, 2021
Da série Alquimia
Acrílica, Óleo e Papel
cenográfico sobre tela
130 x 100 cm



Alegoria real de três anos na vida de uma artista, 2022
Da série Alegorias
Acrílica, Óleo e Papel cenográfico sobre tela
120 x 100 cm cada

Alegoria real de três anos na vida de uma artista

Luciane R. N. Garcez
Sandra Makowiecky

Neste texto, propomos um olhar mais especulativo sobre a exposição intitulada “Alegoria real de três anos na vida de uma artista”, da artista argentina Patricia Di Loreto, no Museu da Escola Catarinense, MESC-UDESC, realizada nos meses de agosto e setembro de 2022, na qual podemos testemunhar a permanência da pintura em que revela as subjetividades do processo, com a curadoria de Luciane Garcez e Sandra Makowiecky.

O título se refere a uma obra do pintor francês Gustave Courbet (1819-1877), “O estúdio do pintor: uma alegoria real que resume sete anos da minha vida moral e artística” (1854-5), na qual Courbet representa seu ateliê com os personagens emblemáticos que figuraram ao longo de suas pinturas, contando uma história de vida artística em uma imagem a ser desvendada pelo espectador, posto que o próprio título indica: são alegorias. Temos então uma dupla referência já no título da exposição de Patricia: um artista reconhecido na história da arte, Courbet, que evoca em pintura um período importante em sua vida, os 7 anos mencionados, no seu ateliê. Em Patricia, há menção aos 3 anos em que se vive o evento da pandemia pelo Covid 19, cujos desdobramentos podemos ver nas pinturas desse período deixando que o ateliê tomasse conta de sua residência, fazendo com que as composições evocassem sua vivência cotidiana e as pesquisas à que a artista se dedicou.

É sabido que o período pandêmico influenciou a todos, democraticamente, interferindo em todos os setores da vida. E na arte não foi diferente. A exposição é então dividida em dois momentos: pinturas de um mundo onde o convívio social era prolífico, e pinturas onde a pandemia impôs o isolamento e as mudanças de comportamento, criando um cenário inédito em nosso cotidiano.

Patricia propõe uma revisão de sua poética antes e durante a pandemia, perceptível de maneira sutil em suas telas, cujo colorido pungente é uma marca importante em seu trabalho. Ao passearmos pela exposição, fica claro que a artista não somente mudou seu repertório pictórico ao montar cenas mais intimistas, cada vez menos povoadas, mas também veio modificando sua paleta de cores. Dos vermelhos e amarelos, característicos em suas telas, a artista foi migrando para azuis e verdes, algo que ficou evidente vendo o conjunto de obras dispostos no museu.

Sua trajetória artística revela um mundo de narrativas que engendravam relações interpessoais em cenas que convidavam o espectador a participar de diálogos que se desenrolavam em ambientes por Patricia, com formação em arquitetura e

urbanismo, cujas referências não negam sua experiência passada em cenografia. Parte de seu material de produção pertence a esse processo teatral, Patricia usa como base para seus desenhos o papel que é característico dos cenários teatrais portenhos, onde a artista engendra figuras humanas nas mais variadas posturas e situações, reminiscências de suas experiências no teatro Colón em Buenos Aires, onde trabalhou efetivamente na criação de cenários.

Com tal pluralidade de vivências profissionais, não é surpresa que suas pinturas ofereçam um cenário vasto em referências, como a atenção dada ao mobiliário apresentado na composição, assim como o cuidado na criação do ambiente onde a cena acontece. Patricia coloca de forma tangencial peças de mobília que ganham importância dada a atenção que a artista confere às formas e cores de cadeiras, especialmente, evidenciando seu passado em arquitetura de interiores. Nessas cenas, a mobília ganha importância, mas não se revela como o foco da cena. Cabe ao espectador compreender os detalhes dos móveis criados por Patricia, para mergulhar nesta pluralidade referencial que ela nos apresenta.

Nesta mesma teia de referências, sutis ou mais evidentes, temos menções diretas à história da arte, e essas são uma constante em seu processo, sejam revelações de esculturas que aparecem como parte da "decoração" de seus interiores, sejam telas que Patricia coloca nas paredes dos ambientes que cria, cada obra trazendo um momento diferente da história. Ao olharmos suas telas, passeamos igualmente por Goya, Picasso, Caribé, entre tantos outros representantes da história da arte.

Na tela *A nova aurora (*2012), da série Alquimia, temos uma viagem pelo tempo histórico e simbólico, além da referência a Caribé na tela que adorna a parede do fundo, na porção superior da pintura, vemos elementos que nos remetem a símbolos presentes na história da arte, especialmente a europeia renascentista. Patricia compõe uma sala, com uma mesa oval, claramente a fim de indicar opulência, solenidade no encontro, cujo título indica uma reunião em que algo deve ser decidido, uma nova aurora de fato. Temos homens vestidos com roupas formais, representando aqueles que governam o mundo secular, o mundo onde habitamos. A figura masculina no primeiro plano está em pé e ocupa o espaço principal da composição, representando talvez a hierarquia máxima neste encontro. Apesar de que as cores ali lhe faltam. Seria uma referência ao governante máximo desta sociedade, a exemplo de pinturas onde o rei estaria enfatizado na cena? Seria a escolha do desenho uma forma de evocar um fantasma da história, ao invés das cores sólidas, que o colocariam no "nosso tempo"? A artista passeia pelos tempos, busca a história, e localiza sua poética no contemporâneo.

Ao fundo, atrás desta figura que se destaca, temos outra que evoca também o poder, desta vez, mesmo que sutilmente, o poder religioso. Então temos uma composição que não deixa de representar as classes sociais mais evidentes: o poder secular,

com o representante principal, máximo, o poder religioso com a figura sutilmente clerical, e o poder social, com representantes "do povo", pessoas que simbolizam as variadas camadas sociais, seja pelas posturas, seja pelas vestimentas.

Mas em meio a isso tudo, o que a artista traz são cenas em que fala de pessoas, de relações humanas. Ela cria ambientes arquitetônicos fictícios, uma sala, um quarto, um bar, e neles ela representa uma situação. O espectador se vê frente a uma narrativa, à qual ele não tem acesso ao início, ou ao que se desenrola em seguida, mas é convidado a participar de um recorte, um momento. Como vemos nos detalhes desta mesma tela, quando a artista cria situações diferenciadas, e mesmo curiosas, se pensarmos no ambiente formal que se desenrola a cena. Observemos o casal ao fundo, à esquerda, que parece estar em um abraço amoroso, ou então as figuras imediatamente à direita, cujas vestimentas e posturas diferem da solenidade da situação apresentada. Talvez Patricia queira representar, além das posições sociais e políticas vigentes, as relações sociais – e talvez culturais, posto que outros artistas permeiam suas obras – que existem em nossos meios.

Interessante perceber que em cada ambiente criado, Patricia, na maior parte das vezes, oferece uma porta, uma janela, uma passagem, algo que dê a indicação de que a cena não termina ali, a pintura não limita ao ambiente mostrado, tem mais a acontecer, mas nos cabe aguardar o processo da artista que aos poucos nos revelará o restante do local representado, ou deixará ver o que está acontecendo nos outros cômodos, os quais temos somente um vislumbre. Como podemos observar nas obras *Los profetas* (2013), da série Meetings e *Ministerio del amarillo* (2015), da série Rizomas. Ambas as composições evocam situações de relações sociais em curso, um encontro entre amigos, um jantar, momentos em que as pessoas trocam, compartilham. Um ambiente foi criado pela artista, reminiscências de suas experiências em arquitetura. Em ambas as pinturas podemos perceber cadeiras especialmente pintadas, quase que modeladas, o olhar do designer de interiores não escapa, bem como outros artistas que visitam as cenas por meio das homenagens que Patricia cria àqueles que enriquecem seu repertório. Mas fato é que Patricia se expressa em meio a cenas que permeiam a interação humana, relações sociais, festas, jantares, diálogos dois mais variados, colocando em evidência a importância que a artista dá às pessoas e suas possíveis relações. Imaginamos uma artista sociável, festeira, alegre, comunicativa, a qual não se reprime em atestar sua personalidade esfuziante em suas telas, seja pelas figuras humanas em posturas e roupas que as colocam em situações de desfrute social, seja pelas cores fortes e técnica variada da artista. Sua personalidade se reflete em suas criações.

A artista desenha no papel cenográfico a título de esboço. Depois disso tudo é possível. O desenho vira molde, cartone, inspiração, até fazer parte da obra efetivamente, sendo colado e impermeabilizado na tela. A artista não deixa claro quais os

critérios que lhe ocorrem ao escolher figuras que são deixadas no desenho primário, outras que a partir deste são modeladas em cores fortes, ou simplesmente recortadas e usadas partes de cada corpo, como vemos na obra *Les demoiselles d`ille* (2019), da série Entre rojos y azules. De certa maneira, não deixa de ser também uma reminiscência renascentista italiana, lembrando que os artistas do período, testemunhas de diversos processos arqueológicos que trouxeram ao mundo partes de estátuas e monumentos da Roma e Grécia clássicas, tinham partes destas esculturas armazenadas em seus estúdios a fim de servirem de inspiração, modelo, ou o que seja, para seus próprios trabalhos. Oficinas que guardavam braço, pedaços de pernas, algumas cabeças, mãos e pés em mármore, e que acabavam por aparecer tangencialmente em seus próprios desenhos e pinturas. Não seria este um tipo de processo similar que Patricia faz? Cria seus moldes e modelos, e a partir destes, compõe suas cenas. Até que finalmente o próprio material primordial é acolhido na obra.

Com um olhar mais atento, conseguimos divisar os materiais que Patricia escolhe para cada pintura: tinta óleo, acrílica, vernizes diversos, pigmentos variados, pó de carvão, pó de ouro, pastel oleosos, colagens, desenhos a lápis e a cravão, enfim, a artista vagueia pelas materialidades sem distinção de hierarquias. O que dita o caminho matérico de suas obras é o efeito plástico que Patricia busca. O fio que conduz e une isso tudo: pessoas que se relacionam num colorido contagiante, entremeados por uma arquitetura bem pensada, que ocasionalmente se torna tão importante quanto as pessoas ali representadas.

Até que chegamos na pandemia. Neste momento, as pinturas de Patricia evocam o silêncio, o isolamento, entretanto, mesmo em cenários em que a figura humana desaparece, permanecem seus rastros, seus vestígios, não há solidão. A artista nos dá um vislumbre de sua própria rotina pandêmica, em meio a livros, estudos, pesquisas de outros artistas, e suas próprias telas. É neste mundo que ela mergulha, e é este mundo que ela revela nas pinturas de 2020 em diante. Um mundo povoado por suas referências, vestígios do tempo em que as relações eram físicas, agora as relações são mais conceituais, estão no âmbito do virtual, portanto, suas cenas apenas evocam a presença humana.

A artista nos oferece momentos domésticos, quase que partilhando uma intimidade, que mesmo vazia, parece reveladora. Na tela *A vida privada também é pintura* (2022), da série Alegorias*,* Patricia nos convida ao seu quarto. As únicas figuras humanas que a artista oferece são as que estão nas telas que adornam as paredes. E que de fato são as companhias da artista em momentos pandêmicos. Junto a seus companheiros teóricos, os livros e os artistas que habitam neles, as relações sociais se limitaram ao mundo virtual. Mesmo em uma vivência mais solitária, sem os encontros e as festas, as cores seguem vibrantes. Entretanto um detalhe aparece, e vai fortificando aos poucos. Até 2020, as pinturas de Patricia passeavam muito mais

pelos vermelhos e amarelos, fortes, marcando posição em sua paleta de cores; não que não existam ainda, mas agora, timidamente os azuis e verdes começam a despontar, como podemos ver, na roupa de cama, e nem toda ela, apenas parte que vai chegando da porção inferior da tela. Vejamos também *Corona V* (2020), da série Alquimia, onde azuis potentes compõem o tapete em primeiro plano, e refletem mais sutilmente na pintura pendurada na parede da tela que enfeita a parede fictícia da pintura de Patricia. Quantos mundos e quantas temporalidades encontramos em um único exemplo!

Até que tomam lugar cativo, em *Alegoria real de três anos na vida de uma artista* (2022), da série Alegorias, onde o amarelo está presente, na cadeira à esquerda – mais uma vez uma cadeira disputa o papel de protagonista da tela – mas ali é único, e vem talvez como o pigmento que junto ao azul, que faz o debruado da própria cadeira, forma o verde, cor que domina a composição. E, ao mesmo tempo em que os vermelhos, laranjas e amarelos escapam, temos o retorno da figura humana, que deste feita nos encara, tranquilamente, desafiadoramente. Quem tem a coragem de questionar sua presença? Dois anos após a pandemia, o mundo se revela presencial mais uma vez.

No contexto da pandemia, da experiência do trauma, da agonia, do desassossego, levantaram-se algumas questões. Casazza (2020) apontou, com certo didatismo, algumas destas questões, que destacaremos. Conhecer a si mesmo oferece armas poderosas que ameaçam o sujeito agindo no meio de uma pandemia em um local diferente e saudável, diz ele. A tarefa deixa de ser não contagiosa e passa a ser como preservar o ser humano diante da ameaça carregada pelo mal-entendido quase coletivo sobre o escopo e o significado de viver em meio a uma pandemia. Para entender os múltiplos danos que a humanidade sofreu diante da ameaça de uma pandemia, é preciso cavar por dentro, olhar para dentro de si. Toda vida vale a pena, a dos mortos e a dos vivos. Juntamente com os cuidados pessoais, devemos cuidar da humanidade. É por isso que foi necessário, mesmo com as restrições da circunstância, apoiar todas as coisas boas da vida. Música, artes, todas as formas de criação também são formas de cuidado. O fato de as reuniões terem sido possíveis não implica que se devem encarcerar os vivos. Todas as experiências de alteridade levam ao aprendizado. A humanidade pode e deve aprender com essa nova experiência, mas deve escolher bem seus ensinamentos. Você pode aprender que nem sempre é necessário ir trabalhar em um escritório, ou que os sistemas de saúde e proteção social devem estar preparados para contingências inesperadas, ou que a riqueza não pode continuar a ser tão mal distribuída. O homem do presente vive, em tempos de normalidade, como se os perigos não existissem. Essa ilusão dissolve-se em tempos de ameaça de pandemia, mas em sujeitos não treinados para compreender e viver à altura da vulnerabilidade da própria vida. Somente a compreensão da finitude do homem pode diminuir o mal-estar. A inquietação vem da ilusão de imortalidade que se constitui em uma maquiagem,

ciente de que a morte é o seu destino, mas também intuitivamente resistente a qualquer forma não absoluta de quietude. Por fim, diz o autor, que afora todos os cuidados, temos que tentar viver bem. Compreender o silêncio e a solidão pode ser um caminho e ele foi expresso nas obras de Patricia Di Loreto.

Referência:
CASAZZA, R. Principios filosóficos para el sostenimiento de la vida feliz en medio de una amenaza de pandemia. Buenos Aires: Colisión Libros, 2020.

*Texto publicado na Revista Arte & Crítica, ano XX, nº 63, 2022, p.58-68

O pensamento que antecede a alegoria

Entrevista realizada por
Francine Goudel com
Patricia Di Loreto

O surgimento da exposição

O título da exposição surge ao finalizar a última obra da mostra. Acho que a chamei assim porque resume a ideia geral de toda a exposição. Foram três anos intensos em que estabeleci um diálogo constante – e quase obsessivo – entre minha antiga produção e a realizada durante os anos da pandemia. Destacando a presença de determinados signos e símbolos, é certamente um encontro com uma nova forma de encarar meu trabalho.

Um dia, durante a pandemia, dando aula sobre pintura de maneira virtual – algo que a princípio era muito estranho, pois sou uma artista que justamente mexe com materialidades –, em um determinado momento falei sobre a vida e obra do mestre do realismo francês Gustave Courbet. E tive uma revelação. Entendi seu universo de criação de uma outra forma, me reconhecendo nele. Mergulhei nos estudos sobre Courbet até as entranhas e claro que especificamente a sua obra titulada "O ateliê do artista ou Uma alegoria real de 7 anos" (1855), que é definida por uma fase da vida do artista, em que todas as figuras são representações alegóricas reunidas para realizar sua pintura. Esta obra me acompanhou durante as produções no período da pandemia. A obra e o título ficaram incrustados no meu inconsciente.

Na obra Courbet pinta dois mundos: um que chama de *Vida*, que são os amigos, amantes das artes, os filósofos, os poetas, e o outro que considera a *Morte*, os desfavorecidos, os religiosos, os burgueses, os comerciantes. O artista está no centro da pintura, junto com um menino, que claramente simboliza a ingenuidade, e com uma mulher seminua, que posa e representa a liberdade.

A ideia parece forte e categórica, mas sinto um profundo amor por esta composição que me fez continuar pintando durante os duros tempos de reclusão.

Na obra que leva o título da exposição que proponho, as cores são significativas, e a personagem central poderia ser eu: os olhos bem abertos despertam para a realidade. Os amantes dentro do quadro pendurado falam de amor, as plantas invadem esse interior. A escultura, que lembra as mulheres esguias de Giacometti, configura um fantasma. Pintei o meu mundo de arte, os artistas e suas obras neste Brasil onde encontrei minha *Alegoria Real*.

O trabalho com a curadoria e a montagem da exposição

A exposição foi proposta por Sandra Makowiecky, uma das curadoras, que também é coordenadora do Museu da Escola Catarinense e atual presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Ambas as curadoras, Sandra e Luciane Garcez, vêm acompanhando meu trabalho há um tempo, o que ocasionou num profícuo trabalho e cuidadosa seleção de obras. Junto à curadora de montagem Francine Goudel, responsável pela expografia da mostra, elas fazem a proposição de dividir a exposição em duas etapas, que eu chamo de momentos ou tempos: o tempo anterior à pandemia e o tempo em que ocorreu a pandemia. E apesar do meu trabalho ter uma estrutura bem definida, o assunto da reclusão foi contundente na abordagem das obras dos anos de 2020 e 2021 e até recentemente de 2022.

A curadoria potencializa o foco da exposição e o direcionamento do entendimento das obras, flui em paralelo com meu trabalho, como exemplo da peça que gera o título da mostra e que surge nesse ínterim de produção. A percepção do conceito que ali surgia deu à exposição seu caráter único.

Produção atual - produção de longa data

Meu trabalho é sempre um profundo olhar sobre a natureza humana e seu comportamento, ou como bem cita Luciane Garcez: “O fazer do homem”.

Definitivamente pinto a cultura, os costumes, a memória, as pessoas ao entorno de seus mitos e histórias. A arte é local, onde encontro as respostas para minhas perguntas, e as questões estão literalmente nos trabalhos que crio.

A extensa produção anterior a 2019 abarca uma reflexão sobre as inter-relações humanas, a amizade, os encontros e desencontros, como também os sentimentos solidão e amor.

Vê-se claramente isso na trilogia *El becerro de oro* (2011), histórias que transbordam sucessos e giros insuspeitos. Histórias generosas com campos amplos de cor, com a presença de figuras e sombras que aparecem e desaparecem – transformadas durante a pandemia em espécies de fantasmas da dor em quadros dentro do quadro. No período anterior à pandemia pinto o mundo ativo, dinâmico, desmedido. O mundo do excesso, de pura acumulação de coincidências e desvios em muito vermelho e amarelo, que, como Delacroix, sabemos são os tons que suscitam ideias de felicidade e riqueza. O mundo de coincidências entre os seres de todos os tempos, de uma sorte cômica ou irônica. Intrincadas tramas humanas, produtos do amor e do descuido. Encontros e desencontros.

Já durante a pandemia busco uma imagem que aproxime a possibilidade de recuperação do homem, de encontrar uma beirada de solidariedade que nos salve, mesmo que do abismo. Dizem que após perdermos tudo nos tornamos livres para fazer qualquer coisa... Neste registro dou liberdade aos interiores.

Coloco-me dentro da obra como figura e me pergunto.

Questiono igualmente um possível espectador: como seguir nos tempos de incerteza? Uma mistura entre a bênção de ainda estar e a dor do que se foi.

Na obra *A Pat se torna artista* (2022) convido as pessoas a participarem de uma espécie de homenagem a mim mesma, após passar pela prova da solidão e seguir pintando incansavelmente durante os últimos três anos. Nas obras *Corona V* (2020) e *Onde te busco* (2022) faço uma alusão às pessoas que já não estão entre nós. São como náufragos do mundo. Porém, ali também se vislumbra a presença de uma estranha vegetação, que nasce nesse momento.

A história por trás do pensamento da produção de imagens

Sempre digo que tudo começou quando o curador José Luis Dominguez, trabalhando na seleção de obras para colecionadores argentinos, conheceu meu trabalho na Feira de Galerias Arte Clássica em Buenos Aires. Lembro que na oportunidade me apresentei como “pintora" e ele de forma simpática disse que também me achava uma excelente desenhista – algo que até então eu não tinha pensado. Foi a partir disso que comecei a juntar as linguagens.

Coincidentemente, anos antes desse encontro eu havia trabalhado no Teatro Colón, em Buenos Aires, no setor de cenografia. Lá se desenhava ao estilo renascentista, em que se utilizava papel cenográfico (papel craft) para fazer esboços e decorações em grandes dimensões. Este papel fosco, de cor neutra e muito resistente, permite passar camadas de tinta, junto a outros materiais, sem perder a qualidade.

Meu trabalho então parte da base do desenho neste papel, onde crio um mundo de figuras num espaço fictício. Trabalho em cima dele com carvão e giz branco. De forma paralela crio campos de cor na tela, onde depois são colocados os elementos de desenho selecionado. Assim vou gerando uma trama, em que se misturam figuras desenhadas no papel e planos de cor na tela.

Trabalho diariamente, por vezes em mais de uma obra ao mesmo tempo e por séries. Separo a rotina entre criar e pesquisar. Em minha biblioteca reúno muitos materiais para acrescentar informação à obra, inclusive desenhos e recortes que tenho arquivados. Trabalho com recortes de revistas e fotografias. Busco o motivo por meio da imagem sem pretensão estética. Escolho as formas, os assuntos, desenho, recorto, crio formas em cores, uso óleo, acrílica, giz óleo e pastel, verniz, pó de ouro, carvão, lápis de cor, areia tingida e muitos outros materiais. Trabalho os contrapontos nos materiais do fosco ao brilhante, do áspero ao liso, do nobre ao rústico.

Um mundo de referências na História da Arte

A História da Arte é um grande referencial para a minha produção. Os grandes artistas sobre os quais a história tem escrito considero como uma família afetiva. Nos momentos em

que questiono alguma problemática na obra, recorro aos livros de arte para saná-la. E as referências da História da Arte em meu trabalho são inúmeras.

Da Arte Bizantina extraio a ideia do uso do pó de ouro. As influências vão de Giotto e Fra Angélico, com seus trabalhos planimétricos e simplicidade espacial, ao preciosismo da arte dos Países Baixos, com a riqueza cromática. De Brueguel, com sua pintura poderosa e cheia de informação, a Van Eyck, com seu cotidiano colorido.

As pinturas a óleo apresentam textura, causam ao espectador um engano de olhos, aludem a intimidades. Sua potência ilusionista sugere textura e temperatura. Assim Holbein, em suas pinturas, apela muito ao sentido do tato, e acho isso uma preciosidade.

As cores da pintura veneziana têm extrema influência na minha obra. Referências de artistas do renascimento e anteriores a ele, dos séculos XIII ao XI, aparecem em minhas obras, nos quadros das paredes e na forma de resolução de muitas das composições. Cito Masaccio e suas hieráticas figuras, e Leonardo e Michelangelo, nos quais reconheço o feito pictórico na sua forma mais "bruta". Os gigantes Caravaggio e Tintoretto me transportam a um passado de raízes italianas, com suas obras cenográficas, dramáticas e teatrais.

O romantismo e o realismo também são fontes para mim. Delacroix, pintor do movimento e cor; Ingres, por seu estilo polido; e Courbet por sua natureza e forte conteúdo social.

Géricault aparece em vários momentos... É poesia.

Do impressionismo, os nenúfares de Monet, que influenciam Pollock e Rothko, e todos eles a mim. O impressionismo me encanta pelas experiências cotidianas, dias de festa, mulheres ao sol, o sonho popular.

Mas os artistas que tenho como referência, sempre por perto, são os espanhóis Goya e Velázquez, e o holandês Rembrandt. Não há maneira de escapar deles. Tudo o que preciso saber de pintura está contido em suas obras.
Goya era um desenhista nato, com grande criatividade, sua arte não tinha presunção. Seu duplo discurso nas "Majas", nua e vestida, e em "Saturno devorando um filho", sua obsessão, seus medos, tudo em Goya me é comovente e provocador. Pergunto-me se minhas figuras fantasmagóricas poderiam ter algo a ver com ele.

Do século XX tenho como referência Bonnard e sua arte intimista, contemplativa, privada. Um colorista excelente, produz magentas, cádmios claros, azuis, terrosos e brancos. Picasso e seu período azul é igualmente significativo. Seus "arlequins" estão presentes em muitos dos meus trabalhos. As *Demoiselles d'Avignon* são homenageadas por mim em *Les demoiselles d'Ille* (2019). O cubismo, com seu emprego do espaço, é minha fonte mais importante. As formas nunca são uma totalidade. Braque e Picasso usam as aparências como signos, e isso me interessa. A colagem cubista, a estrutura planejada por eles, os modelos de diagrama e metafóricos.

Artistas latino-americanos influenciados pelo cubismo também participam das minhas referências, como Di Cavalcanti e Pléticos. Poderia citar também a paleta de Paul Klee, as paisagens solitárias de Hopper, as visualidades de Francis Bacon, as estruturas de Giacometti, a minha admiração pelos argentinos Carlos Alonso e Eugenio Cuttica, as pinturas de Peter Doig, David Hockney e Kitaj.

A História da Arte e seus mestres são um grande referencial para minha produção.

As discussões que provêm da obra

Uma das preocupações que tenho com minha produção é que as obras reflitam sobre a História da Arte. Interessa-me fazer um exercício de dialética, um caminho entre as ideias dos artistas de todos os tempos.

Interessa-me também pintar o humano. Não seu retrato físico em si, mas seu alento, sua alma, contradições e desejos, o humano no tempo e espaço. Pintar seu interior, a meu ver, é retratar essa humanidade ligada ao universo. Os contrastes que apresento em personagens resultam dos estados de harmonia e tensão das relações morais.

Penso que a vida humana é um trajeto no tempo. Interessa-me mostrar o desenvolvimento do tempo na obra e como o vazio, cada vez que intervém, introduz um movimento circular que enlaça o sujeito com seu espaço originário.

Não desejo interromper o alento que anima as formas, e para mim o vazio é fundamental. É através do vazio que as formas manifestam sua plenitude e arrastam tudo a profundas mutações. No universo tudo é movimento e busco representar isso: a transformação de ideias e de matéria.

O que não está pintado nesse vazio é o mundo invisível. A presença inerte. Viajo ao vazio da história do homem e suas manifestações na arte para alcançar a plenitude na minha obra.
Tenho a pretensão de que minha obra seja universal. Com a tesoura e o pincel desenho e pinto, assimilando o universo ao redor. As metamorfoses com recortes colados criam um mundo único. Deste crio um microcosmos. Enquadrar-me em uma tendência ou movimento não seria adequado.

Como na China, para mim a pintura é sagrada. Agrupo as figuras que ondulam e se balançam. É uma ação demiúrgica.
Pretendo criar uma unidade no espaço para que tudo respire como uma unidade orgânica. Pintar de uma maneira que tanto o pintor quanto o espectador se movam através do quadro em espaço e tempo. O quadro deve ser vivido, contemplado, passeado, pois o espectador nunca vai acabar de ver tudo em uma obra.

Gostaria que meus quadros fossem vividos para quem os contempla. Minha busca constante não é só pelas problemáticas técnicas, mas também é sobre os mistérios da criação artística e o destino do homem. Pretendo traduzir vida em meus quadros e a permanência da pintura.

De Buenos Aires, Argentina, a Florianópolis, Brasil

Há praticamente dez anos descobri Florianópolis. Vim para passar férias e a beleza do local acabou atrapalhando minha volta para casa.

A "ilha da magia", como é chamada, está cheia de mitos e lendas. O conhecimento dessas histórias, contadas por gerações, encanta qualquer artista. A areia, o mar, os morros, um céu intangível, tudo isso produziu em mim uma sensação de proximidade com o espaço infinito.

Venho de Buenos Aires, cidade grande, cosmopolita, que possui outra perspectiva. O cheiro, o ar, os sons, a luz acompanhando sempre a cor do cimento... O espaço é outro.
As primeiras séries que produzi em Buenos Aires são retratos de poucas figuras em espaços fechados. À medida que comecei a viajar com frequência ao Brasil as personagens começaram a transbordar em meu trabalho.

A nova aurora (2012) é uma obra representativa dessa influência. O interior de uma sala onde acontece uma reunião e atrás um quadro de Carybé mostra os orixás da cultura baiana. Os dourados como artifício participam com os tons neutros e foscos das personagens de papel colado. Os espaços das obras às vezes claustrofóbicos, influenciados pela grande urbe, são testemunhas das figuras que habitam neles distribuídas de maneira diagramática e orgânica.

Os registros realizados durante minhas primeiras viagens estão representados pelas festas. A cultura popular começa a ser parte da obra. Aparecem elementos alegóricos como o boi de mamão, representado em *El becerro de oro* (2011), as favelas coloridas em *Ministerio del amarillo* (2015) e o tropicalismo da semana de Arte Moderna em *Ministerio del verde* (2015). A obra de Rodrigo de Haro me influencia a criar interiores.

A partir de 2018, ano em que decidi morar definitivamente no Brasil, a obra vai se modificando. Em *Autoretrato en Brazil* (2018) os vermelhos e suas variantes abrem o jogo. A obra não tem excesso de figuras e irrompem nas janelas estranhas vegetações. Em *Todos somos um* (2020), que é um autorretrato, se percebe um espaço mais amplo e limpo.

A partir da pandemia, a experiência de solitude – a causa do afastamento obrigatório de minha família –, atrelada a um processo de separação conflitiva após vários anos de convivência, me levam a produzir as séries *Alquimia* e *alegorias*. Aqui me proponho a um exílio voluntário na Ilha de Santa Catarina. A existência como questão e a inalterável condição humana são os temas.

Corona V (2020) mostra com clareza algo estranhamente orgânico entrando por baixo e reaparecendo no quadro dentro do quadro. Cavalos, folhas, janelas entre novos verdes, azuis, vermelho-claros e magentas. Espaços abertos e menor quantidade de papel colado abrem novas perspectivas.

O xadrez rebatido e as colunas gregas de *A Pat se torna artista* (2022) falam de um passado, não para se reviver, mas

para extrair conclusões. Os cavalos brancos que correm em *Onde te busco* (2022) são parte da obra produzida no Brasil, após a perda de um ente querido pela Covid-19. Os cavalos se repetem em *Salvatora mundi* (2020), onde o título faz alusão a uma obra de Da Vinci, mas também alude a uma salvação conduzida pela mulher, no centro do universo.

São os autorretratos e as alegorias que surgem nas últimas séries produzidas no Brasil. *Alegoria real de três anos na vida de uma artista* (2022) é um ponto crucial disso. Apresentada na exposição realizada no Museu da Escola Catarinense, ensejo deste catálogo, a obra marca o começo de uma nova etapa em que me reafirmo. A decisão de morar definitivamente em Florianópolis produz em minha obra uma mudança sutil nas representações que tenho de mundo.

Sobre as séries de Patricia Di Loreto

Alegorias (2021-2022)

É durante a pandemia Covid-19 que começam a aparecer as sombras que lembram o mito platônico “A Alegoria da Caverna”. No mito, as sombras ocasionadas por uma fogueira, projetam nas paredes da caverna um mundo desconhecido. Retidos em nossas casas, um vírus desconhecido acaba sendo a projeção de um mundo real. O dia a dia... cada dia: um começar de novo entre quatro paredes. Sem contato humano. A casa. O quarto, a cama. A caverna... Aparecem todo o tempo. São alegorias pintadas. O título da série Alegorias surge igualmente por um aprofundamento do estudo da obra “O ateliê do Pintor” de 1855, do artista francês Gustave Courbet, na qual possui como subtítulo a sugestiva frase: “Alegoria real que define uma fase de sete anos da minha vida artística e moral”. Uma reflexão do que resulta ser uma alegoria real e como reais acabam sendo todas as alegorias.

Alquimia (2019-2021)

Na antiguidade, alquimia era a ciência mística que tinha como objetivo a transmutação de um elemento a outro. Entendendo a pintura como uma ação filosofal, de propriedades “mágicas”, da ordem da transmutação, assino a série Alquimia como a própria alquimista. Assim, na obra Revolução dou início a uma conversa progressiva de uma série que coloca a mulher como geradora de um novo mundo.

Entre Rojos y Azules (2018-2020)

Na leitura das cartas trocadas entre os amigos John Berger e John Christie nasce o desejo de pigmento desta série. A pergunta incisiva de Christie: “Qual poderia ser nosso próximo projeto?” e a resposta liberta de Berger “Me manda uma cor…” contornam o princípio desta construção. Feita das cores do puro instante a série Entre Rojos y Azules ganha matiz. Primeiro o vermelho cádmio, que como trata Berger “vermelho da infância, das pálpebras jovens fechadas com força”. Vermelho de Caravaggio, “pelo qual se jura amor eterno... cujo pai é a faca”. Depois o azul profundo e intenso do mar, “um pedaço do vazio”. Aquele azul que Yves Klein teorizou e alcançou, e que ainda temos muito para tratar.

Rizomas (2013-2019)

O filósofo Gilles Deleuze pega emprestado o termo rizoma das definições da botânica para aplicá-la a filosofia. A palavra chave aqui seria rizomático, que expressa um emaranhado de raízes que formam conexões imprevisíveis. Quando comecei a ler a Deleuze, compreendi o que estava fazendo a algum tempo. Partindo de uma ideia matriz, recorto figuras desenhadas em um papel que serve aparentemente para um esboço e os colo de

maneira bem estudada na tela. Logo começo a dividir a tela, em dípticos, trípticos, polípticos, e a fraccionar as imagens, os detalhes da figura. Na derivação e fracionamento de figuras e telas, sempre há infinitas formas de conexões, decisões, pontos de partida, com uma origem no mais subterrâneo.

Meetings (2011-2015)

Há uma ética da alegria e do encontro. Para o filósofo Baruch Espinosa essa ética implica em uma experimentação, na prática do viver, que elabora uma complexa relação de ritmos com os quais conjugamos com os outros.

A vida tem base sólida nos afetos, na resistência à tristeza, na potência do estar em conjunto. A ética da alegria e do encontro seria dessa forma a própria base humana. É nessa direção que abordo os trabalhos da série Mettings.

El Arte Como Excusa (2010-2012)

Na série El arte como excusa investigo os processos da forma, conjugando materiais e técnicas em suas próprias relações. O que caracteriza a obra é uma compreensão de modernidade, as correspondências com outras culturas e demais gêneros de expressão artística. Os traços em papeis colados sobre tela não estão mediados pela referência à natureza, atuam como instrumento de busca de uma forma livre, que se desdobra no tempo. Passado e presente se conjugam no mesmo tempo e no mesmo espaço.

Biografia da artista

Patricia Di Loreto, natural de Lomas de Zamora, província de Buenos Aires, Argentina, é artista visual, muralista e cenógrafa. Ganhadora da medalha de ouro no Olympic Fine Arts 2012 em Londres, Reino Unido, com a obra "Fiestas, elefantes y vestidos de seda", adquirido pela Embaixada da China. Artista com o pé e mente em Florianópolis, Brasil, onde vive desde 2018 e onde já realizou diversas exposições ao longo dos últimos 15 anos. Segundo a artista, foi também o local onde encontrou um colorido especial que reflete em suas últimas produções. Ingressou na Escola Superior de Belas Artes Prilidiano Pueyrredón, em Buenos Aires, Argentina, em 1990, realizando a graduação em Desenho e Pintura, com os mestres Ernesto Pesce e Roberto Páez. Realizou trabalhos de Cenografia no Teatro Colón de Buenos Aires, Argentina, entre os anos de 2002 a 2004. É criadora de um projeto de intercâmbio artístico entre países de Latino América, por meio de Chancelaria da Argentina, chamado “Alma y luces – Alma e luzes”. Atuou na construção de projetos de murais urbanos, tendo suas pinturas registradas no Brasil, Argentina e Chile. Em 2019 foi uma das artistas selecionadas na 14ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Curitiba - Polo SC, participando da mostra coletiva “Fronteiras em aberto”, realizada no Museu de Arte de Santa Catarina – MASC, Florianópolis, Brasil, com curadoria de Francine Goudel, Juliana Crispe e Sandra Makowiecky. Possui obras em coleções de museus, galerias e instituições públicas e privadas pelo mundo.

Alegoria real de três anos
na vida de uma artista
Exposição de Patricia Di Loreto

Museu da Escola Catarinense
Florianópolis, SC
2023